



## OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA FRENTE AO BULLYING HOMOFÓBICO NA ESCOLA

Filipe Gabriel Ribeiro França<sup>1</sup>

Patrícia Lins Vieira<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo buscou investigar as atitudes dos professores de Educação Física frente ao bullying homofóbico na escola. A princípio é realizada uma discussão acerca dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) de Pluralidade Cultural e Orientação Sexual. Em seguida há a descrição da metodologia utilizada, que foi de caráter qualitativo dividida em duas etapas. A pesquisa foi realizada com 10 professores de Educação Física de seis escolas da rede pública de Sete Lagoas – MG. A seguir tem-se a análise dos dados obtidos através da pesquisa de campo e por fim algumas considerações. A pesquisa possibilitou uma nova compreensão da leitura que os docentes fazem diante do bullying homofóbico, indicando elementos que favorecem a compreensão de um suposto silenciamento frente a ele.

**Palavras-chave:** bullying homofóbico; Educação Física; escola.

### Introdução

Esse artigo estudou dois fenômenos em destaque em nossa sociedade: o bullying e a homofobia, que juntos constituem o chamado bullying homofóbico.

O bullying significa um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas. São insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações, atitudes provenientes de pessoas/grupos que hostilizam, ridicularizam e perturbam a vida dos demais, causando danos físicos, psicológicos, morais e materiais. É um fenômeno presente na maioria das escolas (tanto públicas quanto particulares, e desde a Educação Infantil ao

---

<sup>1</sup> Licenciado em Educação Física pelo Centro Universitário de Sete Lagoas – UNIFEMM; Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. [filipe.gfranca@yahoo.com.br](mailto:filipe.gfranca@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Licenciada em Pedagogia pelo Instituto de Educação de Minas Gerais – IEMG; Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Newton Paiva; Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; Diretora e Professora da Unidade Acadêmica de Ensino de Filosofia, Ciências e Letras – UEFI do Centro Universitário de Sete Lagoas – UNIFEMM. [patricialins2@yahoo.com.br](mailto:patricialins2@yahoo.com.br)

Ensino Superior), e bastante associado à utilização de apelidos contra “outros/as” em decorrência de alguma característica marcante e/ou diferente (SILVA, 2010).

A homofobia é um termo “inventado” na década de 70 para definir o medo da homossexualidade. É frequentemente caracterizada como aversão ou ódio irracional àqueles/as que são homossexuais. Porém, a homofobia não atinge somente quem é gay ou lésbica, mas todos/as que em determinadas circunstâncias mostram-se, ou são vistos/as com uma característica socialmente considerada “anormal” ou “imprópria” para o seu sexo/gênero (BORRILLO, 2010). Juntos, o bullying e a homofobia caracterizam a agressão aos sujeitos homossexuais nas mais diversas identidades.

No ambiente escolar, onde as práticas sociais, muitas vezes repetem as lógicas da sociedade como um todo, o fenômeno do bullying homofóbico também está presente. Nas aulas de Educação Física essas agressões juntam-se ao emaranhado de exclusões presentes nessas aulas, como a aptidão física e questões relativas ao gênero, constituindo um ambiente cheio de tensões e questionamentos.

O foco desse artigo é estabelecer um diálogo com os professores de Educação Física acerca do bullying homofóbico, trazendo as atitudes, dúvidas e inquietações dos docentes pesquisados frente a essa violência. A princípio trazemos uma discussão baseada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) de Pluralidade Cultural e de Orientação Sexual. Depois expomos o percurso construído na escuta dos professores de Educação Física. A seguir trazemos as narrativas desses professores frente ao bullying homofóbico. E por fim relatamos algumas considerações longe de serem finais.

### **O bullying homofóbico na escola**

Um dos desafios desse artigo foi conseguir superar a dificuldade referencial e construir uma reflexão própria sobre o tema baseando-se em eixos circundantes ao bullying homofóbico. Para tanto, estabelecemos um diálogo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), que são diretrizes elaboradas pelo governo federal que orientam a educação no Brasil e são separados por temáticas. Devido ao interesse para a nossa discussão utilizaremos os PCN's referentes à Pluralidade Cultural e Orientação Sexual.

O PCN sobre Pluralidade Cultural procura esclarecer que vivemos em uma “sociedade plural e devemos respeitar os grupos e as culturas que a constituem” (PCN Pluralidade Cultural, 1998, p. 117). Será que esses valores estão sendo difundidos na escola?

Os alunos convivem na escola com a diversidade. Segundo esse PCN, “na escola, onde a diversidade está presente diretamente naqueles que constituem a comunidade, essa presença tem sido ignorada, silenciada ou minimizada” (PCN Pluralidade Cultural, 1998, p. 125). Ao caracterizar o tema, o PCN de Pluralidade Cultural deixa subentendido que a pluralidade e a diversidade referem-se apenas às culturas indígenas e de e imigrantes:

Convivem hoje no território nacional cerca de 210 etnias indígenas, cada uma com identidade própria e representando riquíssima diversidade sociocultural, junto a uma imensa população formada pelos descendentes dos povos africanos e um grupo numeroso de imigrantes e descendentes de povos de vários continentes, com diferentes tradições culturais e religiosas. (PCN Pluralidade Cultural, 1998, p. 125)

Essa observação nos faz refletir sobre o que realmente é ser plural. A diversidade está presente não somente nas culturas indígenas e de imigrantes, ela manifesta-se também nas diferentes identidades de gêneros e sexuais constituintes de nosso cotidiano. E essas diferenças causam situações de preconceito:

Como a história do preconceito é muito antiga, muitos dos grupos vítimas de discriminação desenvolveram um medo profundo e uma cautela permanente como reação. O professor precisa saber que a dor do grito silenciado é mais forte do que a dor pronunciada. Poder expressar o que sentiu diante da discriminação significa a chance de ser resgatado da humilhação, e de partilhar seus sentimentos com colegas. (PCN Pluralidade Cultural, 1998, p. 139)

O professor pode mostrar-se sensível e alerta aos comportamentos dos seus alunos, construir e promover o respeito, utilizando de situações conflituosas como forma de proporcionar a discussão e fazer do ocorrido uma situação de aprendizagem.

No que diz respeito ao PCN sobre Orientação Sexual o próprio título já chama a atenção: orientação. Orientação passa o sentido de orientar a alguma coisa, influenciar e forma de poder. Deve-se tomar cuidado com esse discurso para que não sejam impostas crenças e valores arraigados sobre o assunto como algo legítimo e inquestionável. Segundo esse documento:

A sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela. (PCN Orientação Sexual, 1998, p. 292)

Mesmo com o desejo de que a sexualidade fique do lado de fora da instituição escolar, essa sexualidade encontra-se presente nas escolas, na comunidade escolar, cada um com seu jeito de vivê-la e expressá-la. Essas expressões múltiplas da sexualidade

vêm ocasionando tensões entre os sujeitos da prática pedagógica, gerando atos de violência como o bullying homofóbico, foco desse artigo.

O bullying homofóbico tem sido motivado pela incompreensão da pluralidade sexual do outro, o medo do diferente, do “estranho”, do incomum. São essas inquietudes que precisam ser colocadas em debate. Pôr a norma em questão, discutir o centro e duvidar do natural (LOURO, 2008), podem ser naturalizados como pilares da constituição de uma educação questionadora e promotora do respeito na diversidade de relações entre os sujeitos.

### **O percurso construído na escuta dos professores**

Para apreender as ações dos docentes foi solicitado que descrevessem algumas situações do cotidiano escolar a partir de imagens construídas para essa finalidade. Essas situações, num total de quatro, foram apresentadas individualmente a cada um deles e eles descreveram o que estavam percebendo. São elas:

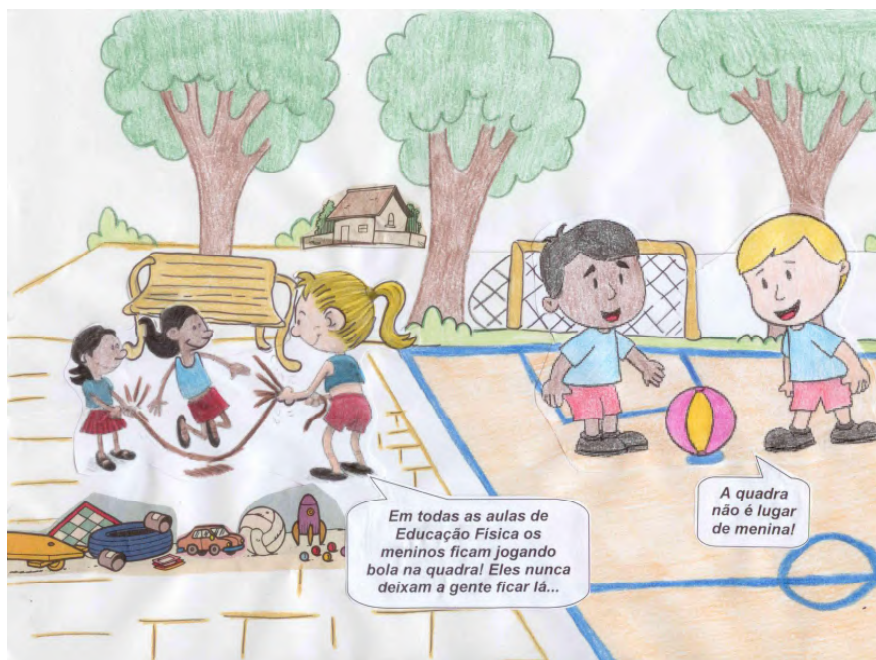


FIGURA 1 – Cena 1: Questão de gênero nas aulas de Educação Física escolar.

FONTE: Profª. Letícia Torres (2011).



FIGURA 2 – Cena 2: Bullying homofóbico.

FONTE: Profª. Leticia Torres (2011).



FIGURA 3 - Cena 3: Aborda a violência por meio do vandalismo expresso em pichações.

FONTE: Blog Imaculada Conceição. Disponível em:

<[http://imaculadacon.blogspot.com/2009\\_11\\_01\\_archive.html](http://imaculadacon.blogspot.com/2009_11_01_archive.html)> Acesso em: 12/02/2011.



FIGURA 4 – Cena 4: Aborda a violência por meio do vandalismo expresso em pichações.

FONTE: Blog Imaculada Conceição. Disponível em:

<[http://imaculadacon.blogspot.com/2009\\_11\\_01\\_archive.html](http://imaculadacon.blogspot.com/2009_11_01_archive.html)> Acesso em: 12/02/2011.

Junto a essa primeira busca de dados também foi realizada uma caracterização desses sujeitos a respeito de sua formação. Essa caracterização foi realizada a partir de entrevista semi-estruturada.

Foram apresentadas três situações (figuras 1, 3 e 4) que não tinham relação com a temática e se constituíram apenas como um cenário para que os docentes pudessem se manifestar, ou seja, serviram apenas para aproximar o sujeito pesquisado de cenas do cotidiano escolar. Essas descrições foram posteriormente descartadas e merecedoras de análises futuras. A outra situação continha uma cena de bullying homofóbico.

Após as descrições focalizamos na cena que constituiu o objeto do trabalho tentando compreender se os docentes identificaram a ocorrência do fenômeno. O contato foi retomado, em um segundo agendamento, com outro objetivo, que seria identificar como eles se colocariam na situação. Essa etapa foi uma entrevista semi-estruturada, a partir da própria narrativa dos sujeitos. Nas duas etapas, todas as respostas foram gravadas, com autorização dos docentes e posteriormente transcritas.

Para compreender as atitudes dos professores diante do bullying homofóbico, utilizamos os relatos de 10 professores. Os professores entrevistados trabalham com a disciplina Educação Física em seis escolas diferentes do município de Sete Lagoas - MG, sendo quatro escolas da rede estadual e duas da rede municipal de ensino. Lecionam para alunos do segundo ciclo do Ensino Fundamental, ou seja, alunos de 5ª a 9ª série. Esses alunos possuem idades que variam entre 10 e 15 anos.

Com o intuito de manter o anonimato dos entrevistados, utilizamos as letras do alfabeto (A, B, C, D, E, F, G, H, I e J) como estratégia de identificação desses professores. São 3 homens e 7 mulheres, com idade entre 22 e 46 anos e com tempo de experiência no magistério que varia entre 4 meses e 22 anos. Além disso, 8 professores possuem graduação em Educação Física, um professor possui graduação em Pedagogia com curso adicional de Educação Física e um professor possui magistério com curso adicional de Educação Física.

### **A narrativa docente frente ao bullying homofóbico**

De posse da transcrição das entrevistas, observamos que dos dez professores abordados, seis identificam a presença do bullying, inclusive denominando corretamente. Apenas um professor fala da violência sem denominá-la como bullying. Dois professores falam de preconceito e um professor fala de perseguição. Um deles, o professor A, diz que a ação é bullying devido à recorrência com que a agressão é feita, estando assim de acordo com o conceito de bullying apresentado por Fante (2005, p. 28) quando diz que “a definição de bullying é compreendida como um subconjunto de comportamentos agressivos, sendo caracterizado por sua natureza repetitiva e por desequilíbrio de poder.”

Esse fato pode ser compreendido pela questão do bullying ser, atualmente, tema que ocupa os espaços dos noticiários e das várias mídias, entretanto não há uma clareza em distinguir o bullying de outras práticas violentas. Aquilo que Fante (2005) caracteriza como específico, a ação repetitiva, só é narrada por um dos 10 informantes. É possível que os professores estejam denominando como bullying qualquer tipo de violência, o que conceitualmente é diferente, pois o bullying é um tipo específico de violência que possui características próprias, tais como repetição, presença de espectadores, vítima e agressor.

Os professores E, G e J já indicam que existe uma inércia em relação à situação, como se observa nos fragmentos abaixo:

Fica claro a questão do bullying né? E a não aceitação das pessoas como elas são, realmente são. A questão da diversidade da maneira de se vestir entendeu? E a inércia das pessoas que assistem isso e não fazem nada né? Aí é o que acontece nas escolas ultimamente. São as agressões e a impunidade. Ninguém faz nada pra acabar com isso. (Professor E)

A violência né? Aqui tem uma violência né, é expressiva através do bullying né? O aluno, ele tá apelidando o outro de viadinho né, usando a força. Ele é muito maior do que o menor. Ele tá aproveitando da situação. Os outros estão participando né? Por mais que quem tá observando tá

vendo e não tá fazendo nada né? Pena de quem tá sendo agredido verbalmente, mas não tá tomando uma iniciativa. E o outro aluno aqui, que tá do lado da Mônica né, ele tá acuado também, ele tá todo triste, mas ninguém tomou uma atitude para resolver o que aconteceu. (Professor G)

Bom, é... A imagem que mostra aqui é que muitos veem o que acontece dentro da escola em relação ao bullying e as vezes fica sem reação nenhuma até mesmo pra ajudar e pra tá fazendo alguma coisa pra que possa resolver, as vezes retraído com o que possa acontecer com o próprio aluno. Então o que eu tô percebendo aqui é isso, percebe que tá acontecendo e fica sem ação pra tentar resolver o problema. (Professor J)

De acordo com Silva (2010) essa inércia é uma das características dos espectadores dos atos de bullying:

Seja lá como for, os espectadores, em sua grande maioria, se omitem em face dos ataques de bullying. Vale a pena salientar que a omissão, nesses casos, também se configura em uma ação imoral e/ou criminosa, tal qual a omissão de socorro diante de uma vítima de um acidente de trânsito. A omissão só faz alimentar a impunidade e contribuir para o crescimento da violência por parte de quem a pratica, ajudando a fechar a ciranda perversa dos atos de bullying. (SILVA, 2010, p. 46)

É importante perceber que a atitude de inércia é percebida com certo grau de naturalização pelos docentes, e considerado apenas como “uma pena ninguém fazer nada”, não se percebendo nenhum grau de indignação frente à cena.

É interessante que nesse grupo de professores apenas os professores D e F, professores mais novos, falam do termo homofobia, já reconhecendo a questão da sexualidade. Os relatos a seguir demonstram isso: “Porque homem é homem e não tem uma atitude mais delicada, mais sensível, né? Isso vem remetendo à sexualidade e tem que trabalhar mesmo porque isso vira homofobia e é uma coisa que tá em pauta nos nossos dias” (Professor D); “Essa imagem serve pra mim pra poder orientá-los, né? Conversar sobre essas questões da homofobia, questão de preconceito, discriminação, bullying se for uma perseguição, pra também orientar nesse sentido” (Professor F). Lembramos que o termo homofobia é recente, foi utilizado pela primeira vez nos Estados Unidos, em 1971. Para Borrillo (2010):

A homofobia pode ser definida como a hostilidade geral, psicológica e social contra aquelas e aqueles que, supostamente, sentem desejo ou têm práticas sexuais com indivíduos de seu próprio sexo. Forma específica do sexismo, a homofobia rejeita, igualmente, todos aqueles que não se conformam com o papel predeterminado para seu sexo biológico. Construção ideológica que consiste na promoção constante de uma forma de sexualidade (hétero) em detrimento de outra (homo), a homofobia organiza uma hierarquização das sexualidades e, dessa postura, extrai consequências políticas. (BORRILLO, 2010, p. 34)

Verificamos que o principal objetivo do ato homofóbico é fortalecer a sociedade heteronormativa, que se caracteriza por reconhecer apenas a união homem/mulher, banindo todas as demais manifestações afetivo-sexuais, estabelecendo arbitrariamente



uma norma a ser reproduzida, criando uma “ditadura do sexo”.

Muitas vezes o sujeito homossexual carrega sozinho as consequências da homofobia, assim como no bullying, sem ter com quem compartilhar suas angústias e medos. Segundo Borrillo (2010):

Diferentemente de outras formas de hostilidade, o que caracterizaria a homofobia, portanto, é o fato de que ela visa, sobretudo, indivíduos isolados, e não grupos já constituídos como minorias. O homossexual sofre sozinho o ostracismo associado à sua homossexualidade, sem qualquer apoio das pessoas à sua volta e, muitas vezes, em um ambiente familiar também hostil. Ele é mais facilmente vítima de uma aversão a si mesmo e de uma violência interiorizada, suscetíveis de levá-lo até o suicídio. (BORRILLO, 2010, p. 40)

Na nossa sociedade a homofobia ainda é utilizada para sustentar a ideia de que lésbicas e gays são responsáveis pela destruição dos princípios fundamentais da civilização, como a diferença entre os sexos. A homofobia vem sendo mantida por argumentos como esse, baseados nas diferenças existentes no corpo biológico. Mas o que não é lembrado é que existe um outro corpo: o corpo social. Esse constituído principalmente junto à elaboração da identidade, que no caso das sexualidades, encaixa-se na construção da identidade sexual.

Dois professores (B e H) falam da sexualidade por meio da questão da roupa do aluno agredido:

Vejo o preconceito com a roupa que o garoto veste, relacionando essas roupas com a questão homossexual. Eu acho que a gente não pode falar com as pessoas sobre a questão de roupa porque cada um tem um estilo e tem uma cultura diferente no mundo que nós vivemos. Cada um tem seu estilo e sua cultura. (Professor B)

Olha, a primeira eu entendi que a cena exposta aqui tá abordando a questão do bullying né, que o *coleguinha* tá chamando o outro de viadinho porque só por causa da roupa que ele foi pra escola. (Professor H)

Apresentar a vítima de bullying com roupa rosa foi uma escolha intencional, justamente por essa associação que é do campo da cultura em identificar a cor rosa como algo pertencente ao universo feminino. Alguns autores, dentre eles Guacira Lopes Louro, quando trata da questão de gênero diz que:

A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. (LOURO, 2010, p. 11)

Isso se confirma com os relatos, pois dois professores compreendem que o aluno está sendo agredido por causa da cor do seu boné e das suas roupas. Esses professores já

percebem que o menino está sendo vítima de bullying porque está usando vestimentas de cor rosa e isso daria indícios de que ele, supostamente, seria homossexual.

O professor B caracteriza a roupa colorida como algo ligado ao estilo e não como um traço de homossexualidade. E se o garoto fosse homossexual? A cena mostrada não esclarece se a roupa é um estilo ou uma escolha relacionada a sexualidade, mas o professor “prefere” entender como estilo. Seria uma dificuldade em entrar na questão da homossexualidade?

Outro elemento parece desaparecer da cena mostrada: a presença de espectadores. A existência deles só é percebida pelos professores C, D, E, G e I. Da mesma forma, a frequência das agressões, característica vital do bullying, não aparece com relevância nos relatos. Dos 10 professores ouvidos, apenas um faz referência ao fato de ocorrer “todos os dias”: “‘Todos os dias ele faz isso com o Paulinho, coitadinho!’ Então é perseguição, todos os dias tá acontecendo, então isso é um bullying, Paulinho tá sofrendo um bullying.” (Professor A).

Tomando como análise os tipos de ação docente frente ao bullying homofóbico na escola, observamos que cinco professores (professores C, E, G, H e I) tomariam uma postura imediata frente a uma cena envolvendo essa temática. Outros três professores (professores A, D e F) tomariam uma ação posterior frente a essa violência. Os últimos dois professores (B e J) solicitariam o envolvimento de terceiros, como pedagogo e direção da escola, para solucionar a questão apresentada.

A busca de um terceiro, no caso a direção e pedagogos, evidencia o quanto é difícil para o professor abordar a questão e creio que isso acontece em função da motivação da agressão – a sexualidade. Será que, se o motivo da briga fosse uma disputa entre clubes de futebol precisaria de outros para mediar a situação?

Ao analisar a qualidade da ação dos professores, percebe-se que seis professores (professores D, E, F, G, H e I) atuariam no combate ao bullying homofóbico. O relato do professor F revela essa postura:

Possivelmente poderia discutir essa questão da imagem com os alunos, mesmo com os envolvidos, como com todas as turmas da escola que eu estou dando aula. Essa imagem serve pra mim pra poder orientá-los né? Conversar sobre essas questões da homofobia, questão do preconceito, discriminação, bullying se for uma perseguição, pra também poder orientar nesse sentido. (Professor F)

Notamos que a fala desse professor está de acordo com um dos objetivos do PCN de Pluralidade Cultural, que diz que se deve “repudiar toda discriminação baseada em diferença de raça/etnia, classe social, crença religiosa, sexo e outras características

individuais ou sociais” (PCN Pluralidade Cultural, 1998, p. 143). É interessante também, que esse professor, a partir da participação na pesquisa, construiu uma forma de abordar a questão junto aos alunos: apresentando cenas. Isso já demonstra um ganho da pesquisa.

Três professores (professores A, B e J) optaram pela ação de denunciar a violência ocorrida e esquivaram-se de qualquer atitude frente à cena. Um professor assume a postura de negar o acontecimento do bullying homofóbico em suas aulas e na escola em que trabalha. Ele diz: “A escola acho... Pelo menos na escola que eu trabalho não acontece cenas assim, pelo menos no cotidiano nunca presenciei...” (Professor C). Especialmente, esse professor C tem 26 anos e 2 anos de docência. Isso talvez possa explicar o relato de nunca ter presenciado cenas semelhantes na escola.

A maioria dos professores relata que a escola tem um papel fundamental no combate à violência e alguns deles sugerem estratégias de intervenção a serem utilizadas durante as aulas: “Palestras, demonstrações de vídeos, demonstrações de teatro para informar os alunos sobre a questão de gênero, sobre a questão homossexual, hétero-homo, é isso.” (Professor B). Quando esse professor termina dizendo “é isso” é possível perceber um incômodo em continuar a conversa. Parece que esse professor tinha o desejo em terminar logo e pode ser interpretado como uma dificuldade na temática e a necessidade de finalizar a fala. Nesse caso específico, o professor B ressalta a necessidade da escola intervir trazendo a temática da sexualidade e de gênero. Reconhecer o tema como merecedor de investimento representa um avanço na busca pelo trato da diversidade. Porém um professor reconhece que a escola não está preparada para lidar com a ocorrência de bullying e no auxílio aos alunos: “Eu acho que a grande maioria das escolas falam, falam, falam, mas nenhuma tá preparada pra ajudar em situações como essa. Assim, então acho que a grande maioria ainda não tá preparada pra situações de amparo ao aluno que sofre bullying.” (Professor C)

O professor C possui pouco tempo de docência e relata que a escola não está preparada para lidar com o bullying. Isso mostra a necessidade de investir nessa questão durante a formação docente. De acordo com os dados obtidos nas entrevistas, os professores mais experientes conseguem produzir alguns saberes para lidar com a questão, reforçando essa dimensão do saber docente. De outro lado, profissionais menos experientes identificam isso como uma lacuna na própria formação.

Um professor afirma que a escola tem muito o que fazer e trabalhar e denuncia que os próprios professores acabam sendo vítimas de bullying, como descrito no relato

a seguir: “As vezes nós mesmos, profissionais, somos agredidos né, sofrendo com o bullying” (Professor G). Esse relato aponta outras necessidades de investigação. O professor estaria denominando bullying como violência? Estariam os professores sendo ameaçados constantemente por um único agressor, na presença de espectadores? Quais seriam as formas do bullying contra o docente? Como ficam as relações de poder diante da situação do bullying? Esse professor estaria incorporando nessa denúncia também à questão da homofobia? Apresentam-se então novas perspectivas de pesquisa no campo, que precisam de investigação.

Quanto ao silenciamento diante da cena, os professores são unânimes ao enfatizar que essa omissão incentiva a violência e propaga a intolerância dentro do ambiente escolar. A fala do professor C exemplifica essa posição:

Eu acho que acaba apoiando assim a violência porque se eu tô vendo e tô me calando eu tô incentivando automaticamente a violência dentro de qualquer estabelecimento, seja público ou privado, independente de não fazer nada eu tô incentivando a violência. [...] Eu acho assim que professor nenhum, não só os professores, os funcionários de um modo geral da escola quando presenciam uma cena dessa assim tem que tomar atitudes pra o negócio não aumentar, porque de um fato isolado acaba virando uma epidemia. (Professor C)

Esse professor identifica que o silenciamento pode gerar uma “epidemia”. Isso é significativo na medida em que dimensiona a importância da intervenção. De fato, os crimes homofóbicos levam à morte, tanto quanto as epidemias.

Alguns professores relatam que tem dificuldades em lidar com a questão abordada na cena em suas aulas. Esses professores expõem e relatam essas dificuldades durante as entrevistas. O relato do professor D demonstra isso:

Então é, a minha dificuldade é em trabalhar mais a questão cultural, não a questão de ver a homofobia com um olhar de algo que nos dias atuais é até crime. Então a dificuldade é trabalhar esse lado cultural, criar mecanismos que todos se envolvam e compreendam que o que eles estão fazendo é errado e que a opção é de cada um. (Professor D)

É interessante que o professor D já aponta a homofobia como crime. Essa questão ainda está em discussão, nos movimentos sociais, especificamente os movimentos gays têm buscado junto ao poder legislativo a aprovação de um projeto de lei que criminalize a homofobia. Talvez pelo fato da criminalização da homofobia ocupar os noticiários atualmente possa ter provocado algo no professor de concordância e que ele já está até incorporando como real. Isso é um indício de que trazer a homofobia ao debate público já provoca alterações no modo dos indivíduos se posicionarem e formularem novas concepções.

Os professores B e F demonstram conhecerem algumas das consequências do bullying, como demonstram os relatos abaixo:

Pode acontecer vários transtornos para a criança quando ela virar adulto, quando der a sua formação de personalidade. Ela pode, por exemplo, diante desses fatos algum dia justificar porque isso teve acontecendo com ela e ela também descontar nas pessoas. (Professor B)

Esse aluno pode querer não frequentar mais a escola, pode trazer esses traumas pro resto da vida. Isso é importante, discutir essa questão. (Professor F)

Vale ressaltar que esses posicionamentos só apareceram após a narrativa espontânea e após a abordagem na entrevista semi-estruturada. Foi importante um distanciamento das falas para depois retornar investigando especificamente o objeto de estudo: as atitudes e o e um possível silenciamento.

### **Algumas considerações**

Não deixar passar em branco seja talvez o mais relevante dessa pesquisa. O quadro construído de respostas dos docentes aponta que o grupo pesquisado considera necessário o grito diante do bullying homofóbico.

Nomear a homofobia, como os professores D e F, aponta a existência de um conhecimento, pelo menos conceitual, daquilo que está acontecendo. Apontar a existência de algo relativo à sexualidade é um feliz achado da pesquisa. Essas narrativas percebem a relação entre uma atitude de agressividade frente a algo relativo à sexualidade. Esse é um elemento importante para a discussão da formação docente, uma vez que se pode pensar no avanço da perspectiva formativa dos professores, partindo do suposto que essa relação já está construída. Esse é um passo importante para as políticas de formação docente para a diversidade, pois em tempos anteriores precisaria de investimento na construção dessa relação.

No início dessa pesquisa um dos objetivos era compreender os fatores determinantes no silenciamento dos professores de Educação Física em relação ao bullying homofóbico na escola, porém, na etapa de escuta dos docentes foi sendo observado que esses professores não se silenciavam frente à cena de bullying homofóbico. Começamos então o processo de desconstrução dessa hipótese no decorrer das entrevistas. Esses docentes tiveram uma ação diante do bullying homofóbico. O que variou foi o tipo dessa ação, que poderia ser uma ação imediata, posterior ou com o envolvimento de outros sujeitos (pedagogo ou diretor) e a qualidade dessa ação: de

combate, de denúncia, de passividade e de negação.

Acreditamos que essa pesquisa contribui com as discussões do campo da educação e sexualidades, no sentido de agrupar relatos de docentes que deixam claro suas inquietudes diante do tema. Vemos como essencial que as instituições de ensino superior invistam na temática sexualidades em seus currículos, visando professores mais sensíveis e seguros em lidar com as diversidades sexuais, que a cada dia estão mais explícitas nas escolas.

## **Referências**

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>> Acesso em: 16/01/2011.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pluralidade.pdf>> Acesso em: 16/01/2011.

FANTE, Cléo. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2ª ed. Campinas: Verus, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

\_\_\_\_\_. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.